

ANÁLISE CRÍTICA DAS TEMÁTICAS E PARADIGMAS DO CAMPO DE PESQUISA EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS NO BRASIL

IZAÍAS BATISTA DE SOUZA NETO¹; LUCIANA BALLESTRIN²

¹*Universidade Federal de Pelotas- izaias.753@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – luballestra@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Ao explorar a área de ensino e pesquisa em Relações Internacionais (RIs) no Brasil a partir dos anos 1990 – período, de acordo com LESSA (2005:1) foi o de “adensamento do ‘pensamento brasileiro de relações internacionais’” e a partir dos anos 2000, com a ampliação da oferta de cursos especializados de RIs, podemos notar uma baixa produção a respeito da temática do ensino e pesquisa em Relações Internacionais com relação a outros temas de pesquisa. Segundo LESSA (IDEM:2) “[...] no Brasil foi difícil definir os limites da área de Relações Internacionais, tendo em vista as diferenças metodológicas e conceituais que marcam a disciplina, e especialmente, a sua natureza inter e multidisciplinar” e acrescenta que “as diferentes trajetórias científicas que consolidaram em torno da agenda internacional na academia brasileira tiveram uma evolução bastante desigual”.

Apesar da consolidação da pesquisa no país, alguns objetos de estudo são negligenciados em relação a outros. Por outro lado, tem-se a intensiva produção brasileira voltada à temática de Segurança Internacional, onde são trabalhados objetos de estudo voltados para a especificidade da realidade norte-americana pós Guerra Fria, como é o caso do terrorismo. Assim, estudos relacionados à segurança alimentar ou questões indígenas são exemplos de como problemas periféricos são raramente explorados pelas RIs.

A pesquisa buscará contribuir com a discussão sobre a área de pesquisa em Relações Internacionais no Brasil, dada à baixa produção teórica a respeito da temática de Ensino e Pesquisa em comparação com as demais temáticas e a importância de se fazer uma crítica ao campo de pesquisa devido à dependência causada pela assimetria na geopolítica do conhecimento. A partir disso, pretende-se trazer novas perspectivas alternativas às teorias do centro hegemônico que vêm ganhando projeção atualmente. Sendo assim, é importante descrever as características relacionadas com os interesses e preferências entre os acadêmicos brasileiros. A partir disso, faz-se necessário identificar temas e

objetos de estudos negligenciados em detrimento a uma agenda voltada aos interesses da academia norte-americana e as contribuições brasileiras que utilizam teorias pós-positivistas de Relações Internacionais.

Para isso, propõe-se a análise da contribuição brasileira através das duas maiores revistas de estudos internacionais no país, a Contexto Internacional e a Revista Brasileira de Política Internacional. O debate a respeito dos temas internacionais se faz importante na medida em que podemos inferir até que ponto nossa linha de pesquisa é autônoma em relação ao centro hegemônico, ou seja, o eixo teórico anglo-saxão. A produção acadêmica brasileira em Relações Internacionais, como de todo o resto fora do eixo anglo-saxão, é marginalizada nos centros de estudo. Além disso, os acadêmicos na América Latina enfrentam como aponta TICKNER (2013) um problema de identificação com a produção de conhecimento nessa região, onde os autores estadunidenses, seguidos pelos autores britânicos são identificados como os mais influentes.

ARLENE B. TICKNER em parceria com WæVERno livro *International Relations Scholarsip Aroundthe World*, no segundo capítulo “*Latin América: still policy dependent after all these years?*”, decorrem a respeito da perspectiva das Relações Internacionais na América Latina, analisando as maneiras pelas quais fatores como as necessidades do Estado, a natureza das RI e as ciências sociais e o financiamento privado da pesquisa influenciaram o desenvolvimento das Relações Internacionais em diferentes setores.

Em a *Iminente Revolução na Teoria Social* escrito por CONNEL (2012), a autora utiliza os conceitos “centro – periferia” relacionados à assimetria na geopolítica do conhecimento, “metrópole” onde se concentram os recursos materiais e intelectuais e científicos e “*indigenous knowledge*” o conhecimento não europeu. Segundo ela, as novas contribuições pelas perspectivas do Sul podem ser explicado pelo “advento de novos assuntos, tais como a violência ontoformativa e a importância social da terra” e pela “perspectivas alternativas sobre temas existentes”.

Já ALATAS (2003) trabalha o conceito de “neoimperialismo acadêmico ou neocolonialismo acadêmico, já que o controle e a influência monopolista do Ocidente sobre a natureza do fluxos do conhecimento científico e social permanecem intactos, mesmo que a independência política tenha sido alcançada”.

GLORIANNA RODRÍGUEZ ÁLVAREZ (20015:57) aponta que “é fundamental reiterar que a premissa ‘estadocêntrica’ tem definido tanto a evolução da disciplina como a práxis geopolítica”, frisando a importância de “descolonizar” as Relações Internacionais:

[...] implica redefinir a natureza do discurso sociopolítico, a dinâmica sociocultural, o eixo central do aparato jurídico institucional, pelo qual, é indispensável iniciar um verdadeiro questionamento do pensamento predominante; requer dar voz aos fantasmas e convidá-los a participar no teatro social (ÁLVAREZ, 2015:56).

2. METODOLOGIA

O trabalho implicará uma abordagem tanto qualitativa quanto quantitativa ao utilizar fontes secundárias extraídos do artigo “*Enseñaza, Investigación y Política (TRIP) em América Latina*” de TICKNER (2013), publicado em 2013 pelo Brazilian Journal of International Relations, analisam alguns dos resultados mais destacáveis da pesquisa TRIP realizada em 2011 nos quatro países da América Latina onde foi aplicada (Argentina, Brasil, Colômbia y México). Esse traz dados a respeito do tamanho da comunidade acadêmica por país, origem de autores e idioma dos textos, ensino de paradigmas, área principal de investigação, posição epistemológica, paradigmas de investigação, entre outros. Outros dados serão utilizados de acordo com o levantamento realizado por Josué Kuhn Völz e Yndira Coelho Soares, orientados pela professora Dra. Luciana Ballestrin, no qual os resultados foram expostos no pôster “*As Relações Internacionais no Brasil sob a lente dos periódicos nacionais: uma análise da produção científica da Revista Brasileira de Política Internacional (2005-2015)*”, apresentado na Associação Brasileira de Ciência Política. Também será empregado, fontes primárias ao fazer o levantamento de produções baseadas em teorias pós-positivistas de Relações Internacionais no Brasil. A pesquisa bibliográfica através da imprensa escrita será a única técnica empregada.

3. RESULTADOS:

O trabalho está em fase inicial. Foi realizado apenas uma revisão bibliográfica a respeito do tema. De acordo com o artigo “*Enseñaza, Investigación y Política Internacional (TRIP) na América Latina*” TICKNER (2013) pode-se identificar predomínio dos paradigmas realistas (26%), liberais (23%) e construtivistas (13%) entre os acadêmicos brasileiros entrevistados. As áreas

principais de investigação mais trabalhadas são Segurança Internacional (22%), Economia Política Internacional (14%), Política Externa Brasileira (12%).

4. CONCLUSÃO

As novas agendas introduzidas a partir dos anos 90 e a democratização ao acesso a estudos de Relações Internacionais no Brasil nos anos 2000 propiciaram maior contribuição do pensamento brasileiro na produção científica de estudos internacionais, mesmo que de forma marginal. A subalternização do conhecimento não hegemônico é uma das heranças do Colonialismo presente nas nossas instituições e nas Relações Internacionais, na medida em que, tudo que não é estadocêntrico, positivista e anglo-saxão enfrenta dificuldade de aceitação e reconhecimento nos centros de conhecimento. Além disso, as Relações Internacionais é predominante dominada por homens brancos filiados às instituições do Norte Global. Sendo assim devemos critica como o conhecimento é produzido e financiado, pois assim como aponta ÁLVAREZ (20015:57) que devemos analisar as Relações Internacionais “[...] não somente desde a experiência concreta, mas também como uma compilação de teorias inter-relacionadas que nos ajudam a compreender as realidades além dos espaços tradicionais”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA

ALATAS, Syed Farid. Academic dependency and the global division of labour in the social sciences. *Current Sociology*, 2003, p. 500-613.

ÁLVAREZ, Glorianna Rodríguez. Ciencias sociales y Relaciones Internacionales: nuevas perspectivas desde América Latina. Editado por Willosoto Acosta, vol. 1, Heredia, C. R.: Escuela de Relaciones Internacionales de la Universidad Nacional – CLACSO, 2015, p. 47-48.

CONNEL, Raewin. A Iminente Revolução na Teoria Social. *RBCS* vol. 27, n° 80, outubro/2012.

TICKNER, Arlene B.; CEPEDA, Carolina; BERNAL, José Luis. Enseñaza, Investigación y Política Internacional (TRIP) en America Latina. *BJIR*, Marília, vol. 2, n° 1, p. 6-47 Janeiro/Abril 2013.

TICKNER, Arlene B.; WæVER, Ole. International Relations scholarship Around the World. *Taylor & Francis e-Library*, 2009.